

# CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO NO PROJETO BALEIA JUBARTE PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Suellen Ferreira Gomes dos Santos<sup>1</sup>

Isabela de Oliveira<sup>2</sup>

Maria Eugênia Ribeiro de Sena<sup>3</sup>

**Resumo:** O estágio curricular obrigatório é oferecido por unidades concedentes para capacitar o estudante de graduação e fornecer vivência na área escolhida. O presente estudo visa refletir sobre as experiências adquiridas no programa de estágio oferecido pelo Projeto Baleia Jubarte e suas contribuições na formação acadêmica. As atividades do programa realizadas por quatro meses no ano de 2023 foram divididas em duas categorias: relacionadas ao Espaço Baleia Jubarte (centro de visitantes) e embarcadas (trabalho de campo). O aprendizado prático vivenciado colabora com a formação de graduandos de diversos cursos e prepara o futuro profissional para o mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Estágio Curricular Obrigatório; Baleia Jubarte; Experiência na Formação Acadêmica.

**Abstract:** The mandatory curricular internship is offered by granting units to train the graduate student and provide the living in the chosen area. The present study aims at reflecting about the earned experiences in the program of internship offered by the Humpback Whale Project and its contribution to the academic formation. The activities of the program carried out for four months in the year of 2023 were divided into two categories: related to the Humpback Whale Space (visitor's center) and onboard. The practical learning lived contributes to the formation of graduate students from several courses and prepare the future professional for the workplace.

**Keywords:** Mandatory Curricular Internship; Humpback Whale; Experience in the Academic Formation.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: suellenferreira361@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1132-4141>

<sup>2</sup> Instituto Baleia Jubarte. E-mail: isabela.oliveira@baleiajubarte.org.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7063-9027>

<sup>3</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: maria.sena@unirio.br



## Introdução

O estágio curricular obrigatório é a conexão entre a teoria e a prática que um graduando precisa para ter a sua primeira experiência com o possível mercado de trabalho que deseja atuar. Silva e Gaspar (2018) defendem que o estágio é o espaço adequado para entrecruzarmos o conhecimento adquirido no contexto institucional e suas aplicações práticas.

Rodrigues (1995) mostra que o primeiro estágio curricular é aguardado pelo discente e se mostra como o primeiro encontro com as dificuldades sociais do mercado de trabalho, de acordo com os problemas ligados à profissão. A mesma autora também relata possíveis dificuldades que podem surgir, como por exemplo falta de recursos humanos e materiais e certo distanciamento entre a teoria e prática, adquirida na graduação.

Sendo assim, os treinamentos podem agregar um conhecimento específico sobre a área em que o estágio foi feito, assim como orientações para a busca de materiais suplementares que auxiliem numa relação mais compensadora para o aluno e o local de estágio, através dos supervisores ou diários de campo (SILVA; GASPAS, 2018).

No Brasil, a lei que dispõe sobre o estágio curricular obrigatório e não obrigatório é a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. De acordo com esta lei, “o estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho” (BRASIL, 2008). Há também a regulamentação dos componentes no processo do estágio, sendo elas a instituição de ensino, representada pelo professor supervisor, a parte concedente, sendo o local de estágio representado pelo supervisor indicado e o estagiário. No Art. 3º é disposto os requisitos para que não haja vínculo empregatício, o que seria regulamentado por outra lei, observando-se a matrícula e frequência escolar do educando, celebração do termo de compromisso entre as partes componentes e a compatibilidade entre a descrição das atividades desenvolvidas no estágio e no termo de compromisso.

A área de atuação do estágio curricular vivenciado neste relato de experiência é de conservação da fauna, através do Projeto Baleia Jubarte, que protege esta espécie na costa brasileira. A baleia jubarte tem o nome científico *Megaptera novaengliae* (Borowski, 1781), sendo mega (grego) representando grande, *pteron* (asas), *novus* (latim) seria nova e *engliae* seria Inglaterra, representando assim as “grandes asas da Nova Inglaterra” (CALDAS, 2003). Esta espécie pode ser encontrada em todo o mundo e o tamanho da baleia adulta pode chegar até 16 metros e até 40 toneladas. Já o filhote pode nascer com aproximadamente uma tonelada e quatro metros, estimando-se vida longa por cerca de 60 anos (FARAH et al., 2019). A baleia jubarte apresenta barbatanas ao invés de dentes e dois orifícios respiratórios em cima da cabeça, características específicas da subordem dos Mysticetos, ordem Cetacea (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2021).



As baleias foram muito caçadas mundialmente e quase chegaram a ser extintas. As primeiras espécies no Brasil foram a jubarte e a baleia-franca (*Eubalaena glacialis*), por serem espécies costeiras grandes e nadarem lentamente (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2021). São reconhecidos sete diferentes estoques reprodutivos de baleias jubartes apenas no Hemisfério Sul e a população que volta à costa brasileira todos os invernos para a reprodução e nascimento dos filhotes, se alimenta de krill nas Ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul, ambas próximas da Antártica (FERNANDES, 2019).

Sua caça no período colonial era principalmente para a obtenção do óleo, usado na iluminação de cidades e construção de casas. Com a iminente extinção das baleias devido à esta atividade econômica sem controle, os países perceberam o risco iminente e assinaram um tratado internacional, com a criação da Comissão Internacional Baleeira (CIB) em 1946 (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2021).

A jubarte foi a primeira espécie de baleia a ser protegida da caça, em 1966, seguida da baleia azul (*Balaenoptera musculus*) e permanecendo ainda a caça legalizada de outras espécies (SIMÕES; MACEDO; ENGEL, 2005). Foi somente em 1987, através da Lei Federal Nº 7.643 que a pesca, ou molestamento de cetáceos, foi proibida no Brasil (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2021). Apenas o Japão e a Noruega ainda realizam a caça de cetáceos, mais especificamente de baleia minke (*Balaenoptera acutorostrata*), com justificativas de “pesquisa científica” (CALDAS, 2003).

O Projeto Baleia Jubarte foi fundado em 1988 no Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, como parte da implementação de medidas integrativas de proteção das remanescentes baleias jubarte (SIMÕES; MACEDO; ENGEL, 2005). Atualmente, o projeto é o principal programa do Instituto Baleia Jubarte, instituição não-governamental sem fins lucrativos, fundado em 1996 e dedicada à conservação marinha. O Projeto tem como patrocinador oficial a Petrobras desde 1996 (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2023a).

O Instituto também abrange outros programas como a Conservação da Toninha, que visa compreender a captura acidental desses animais no Espírito Santo e Rio de Janeiro, e o Projeto Boto Cinza, que realiza pesquisas no estuário do Rio Caravelas (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2023a).

Segundo o site de divulgação do projeto, ele integra também a Rede de Conservação da Biodiversidade Marinha (Rede Biomar) em conjunto com o Projeto Albatroz, o Coral Vivo, o Golfinho Rotador e o Meros do Brasil, para a conservação de espécies marinhas. A Rede Biomar foi criada em 2007 a partir da parceria entre o Ministério do Meio Ambiente (MMA), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a Petrobras – que já financiava projetos de forma voluntária – e alguns núcleos de instituições. O principal objetivo da Rede é “subsidiar e acompanhar a formulação e a implementação das políticas públicas voltadas para a conservação marinha” (REDE BIOMAR, 2021).

O Instituto Baleia Jubarte foi o primeiro a receber o Prêmio Nacional da Biodiversidade em 2014. Em 2011, o Prêmio Muriqui de Conservação Ambiental

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 3: 90-105, 2024.



do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica também havia condecorado esta organização (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2021).

O Projeto atua em quatro vertentes de atuação: Pesquisa, Turismo Responsável, Políticas Públicas e Educação Ambiental (GUDERGUES et al., 2023). Na vertente de Pesquisa há diferentes linhas de desenvolvimento: o censo aéreo, a partir de aeronaves para analisar a distribuição espacial na costa brasileira e a estimativa populacional através de transecções lineares; a bioacústica, que segundo Moreira (2016) foi identificada por Payne e Mcvay em 1971, como os sons longos emitidos pelos machos das baleias jubartes que formam canções para atrair as fêmeas nas áreas de reprodução; a biópsia de análises genéticas iniciada em parceria com o *American Museum of Natural History* de Nova Iorque (EUA) em 1998, sendo obtida a partir de amostras de pele e gordura; o programa de resgate e saúde de cetáceos foi implantado por Milton Marcondes em 2002, havendo toda a infraestrutura necessária para os encalhes e as interações das baleias jubarte com as atividades humanas; e, por fim, a fotoidentificação que “consiste na fotografia da porção ventral da nadadeira caudal das jubartes, que possui um padrão de pigmentação exclusivo da espécie e de cada indivíduo, permitindo a identificação e catalogação dos animais” (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2021).

O Turismo Responsável com cetáceos é regulamentado pela portaria do IBAMA Nº 117, 26 de dezembro de 1996 e conhecido mundialmente por “*whale watching*” (observação de baleias). Esta portaria visa evitar o molestamento de cetáceos de qualquer espécie e de acordo com:

Art. 2º É vedado a embarcações que operem em águas jurisdicionais brasileiras: a) aproximar-se de qualquer espécie de baleia (cetáceos da Ordem Mysticeti; cachalote, *Physeter macrocephalus*, e orca, *Orcinus orca*) com motor ligado a menos de 100m (cem metros) de distância do animal mais próximo; b) religar o motor antes de avistar claramente a(s) baleia(s) na superfície ou a uma distância de, no mínimo, de 50m (cinquenta metros) da embarcação; c) perseguir, com motor ligado, qualquer baleia por mais de 30 (trinta) minutos, ainda que respeitadas as distâncias supra estipuladas; d) interromper o curso de deslocamento de cetáceo(s) de qualquer espécie ou tentar alterar ou dirigir esse curso; e) penetrar intencionalmente em grupos de cetáceos de qualquer espécie, dividindo-o ou dispersando-o; f) produzir ruídos excessivos, tais como música, percussão de qualquer tipo, ou outros, além daqueles gerados pela operação normal da embarcação, a menos de 300 (trezentos metros) de qualquer cetáceo; g) despejar qualquer tipo de detrito, substância ou material a menos de 500m (quinhentos metros) de qualquer cetáceo, observadas as demais proibições de despejos de poluentes em Lei (IBAMA, 1996).

Esta atividade, de ir ao encontro das baleias em seu habitat natural, mostra sua importância não apenas através de ganho econômico para a comunidade, como envolvimento da mesma e dos turistas no conhecimento e preservação da espécie, principalmente contra a caça ainda realizada por alguns países (GUDERGUES et al., 2023). Simões, Macedo e Engel (2005) também mostram



que esta prática de turismo, apesar de colaborar para a proteção da espécie, precisa ser estudada com relação ao comportamento modificado mostrado pelas baleias devido à aproximação de embarcações, como por exemplo tempo de mergulho e desvio de direção. Através dessas vertentes, o Instituto consegue fornecer dados suficientes para o desenvolvimento de Políticas Públicas em benefício da preservação das baleias jubarte.

A Educação Ambiental é realizada principalmente nos centros de visitantes localizados em Vitória-ES, Ilhabela-SP e Caravelas, Itacaré e Praia do Forte-BA. Estes centros funcionam como museus de ciências ao ar livre e têm relevância para a “revisão de atitudes humanas, conscientização, sensibilização, e compreensão sobre os recursos naturais” (SANTOS; SILVA, 2021). A Educação Ambiental não apenas tem o objetivo de conservação, como melhoria da qualidade de vida para todos (GARCIA; MERGULHÃO, 2001), o que engloba outras espécies além dos humanos.

Sauvé (2005) define que há 15 correntes, ou linhas, de Educação Ambiental, enquanto Layrargues e Lima (2014) mostram que no Brasil há três macrotendências: conservacionista, crítica e pragmática. Rodrigues et al. (2020) debatem a importância do estudo de metodologias de Educação Ambiental utilizadas por instituições que visam a conservação da fauna, como zoológicos por exemplo, que normalmente seguem as concepções naturalistas e conservacionistas.

Segundo Santos e Silva (2021) a tarefa da Educação Ambiental é grande demais para se concentrar somente no âmbito escolar e demanda de novas metodologias e abordagens criativas para engajamento do público. A formação de um sujeito ecológico, responsável por suas ações e decisões tomadas com o meio ambiente, pode ser alcançada através do uso da perspectiva crítica de Educação Ambiental por educadores nestes centros (FONSECA, 2010).

A base da Praia do Forte-BA realiza o Programa Jovens Monitores para os jovens da comunidade, além das oportunidades de estágio descritas neste relato de experiência, aos graduandos em todo o Brasil e em todas as suas bases. O projeto visa dar a experiência do mercado de trabalho a jovens de 16 a 20 anos, ou seja, o primeiro estágio. Através desse projeto, também é possível fomentar economicamente a região e estimular estes jovens a escolherem carreiras universitárias, ligadas ou não à conservação ambiental, ao invés de trabalhos na rede hoteleira ou alimentícia, que são bem desenvolvidos no local.

A vila de pescadores da Praia do Forte foi desenvolvida pelo alemão Klaus Peters para ser turística e sustentável. Foi nesse contexto que começou o Projeto Tamar com foco na proteção das tartarugas marinhas e Educação Ambiental com a comunidade (GUDERGUES et al., 2023). Com o crescimento dos relatos da ocorrência de baleia jubarte no litoral norte da Bahia, o Projeto organizou uma expedição para levantamento de dados com recursos fornecidos pela Petrobras e justificou a criação da segunda base em Praia do Forte (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2021).



A justificativa para a escolha deste tema foi baseada na experiência da autora, ao participar do programa de Estágio Curricular Obrigatório, no período de julho a outubro de 2023. O seu processo seletivo foi realizado no período de abril e maio, tendo como processo seletivo a análise curricular e entrevistas, que ocorreram no mês de maio. Alguns pré-requisitos são solicitados para a ocupação das vagas, como ter domínio da língua inglesa, devido à alta presença de turistas nesta base do projeto.

Cabe ressaltar a carência de referências bibliográficas relacionada aos relatos de experiência de estágios em projetos de conservação ambiental, o que muito motivou a realização deste conteúdo. O objetivo deste relato de experiência foi descrever as atividades realizadas durante o período de estágio obrigatório voluntário, no Projeto Baleia Jubarte, na base sediada na Praia do Forte-BA, que muito contribuiu na formação acadêmica de bacharel em Ciências Ambientais da autora.

## **Materiais e Métodos**

### ***Local de estudo***

Este estudo foi realizado apenas na base da Praia do Forte-BA, que abriga um Centro de Visitantes (chamado neste estudo de Espaço Baleia Jubarte – EBJ), com o esqueleto de uma baleia jubarte (Figura 1A), com réplicas de comportamentos avistados na área de reprodução e um filhote em tamanho real (Figura 1B). Além de conter um Centro de Doações com produtos temáticos para aquisição, feitos pelo Instituto ou pelas artesãs da vila e um restaurante recém-inaugurado na temporada de 2023.



**Figura 1:** Espaço Baleia Jubarte da Praia do Forte-BA: **A** – esqueleto de uma baleia jubarte fêmea; **B** – réplicas do salto, filhote e exposição caudal.

**Fonte:** acervo pessoal.

### ***Metodologia***

O presente estudo caracterizou-se por ser uma pesquisa narrativa (MATTAR; RAMOS, 2021) das experiências vividas por um grupo de seis estagiárias na temporada reprodutiva das baleias jubarte na costa brasileira. O relato de experiência pretende fornecer além da descrição da vivência no local de trabalho, a valorização do processo acadêmico-científico e a aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).



O período de estágio foi de aproximadamente 4 meses (03 de julho a 31 de outubro de 2023). Toda a equipe de estagiárias ficou no alojamento, fornecido pelo projeto, não havendo custeio com bolsa-auxílio ou transporte, do local de origem até as instalações, para as estagiárias voluntárias. As atividades realizadas foram descritas e suas contribuições acadêmicas e profissionais foram analisadas de acordo com a bibliografia existente acerca dos temas de Educação Ambiental, pesquisa científica e conservação ambiental.

## Atividades realizadas

A descrição das atividades realizadas no período de estágio foi dividida em 2 grupos: relacionadas ao Espaço Baleia Jubarte, as quais não demandavam a saída para alto-mar; e de campo, ou seja, embarcadas.

### *Espaço Baleia Jubarte (EBJ)*

Antes de iniciar as atividades, designadas ao cargo de estagiária voluntária, foi feita a capacitação (no Anfiteatro do EBJ), em conjunto com outros estagiários de Salvador. Para que fosse transmitido o conhecimento específico, vários palestrantes apresentaram informações relevantes, cujos conteúdos foram sobre conservação das baleias jubarte. Todos os palestrantes são especialistas da equipe do Projeto Baleia Jubarte como José Truda Palazzo Jr, Milton Marcondes, Sérgio Cipolotti e Isabela Oliveira (Figura 2A).

A semana de capacitação também buscou oferecer outras perspectivas e experiências em instituições parceiras do projeto, para que as estagiárias pudessem ter mais domínio do conhecimento sobre a área turística da Praia do Forte e sobre outros locais que participaram da história da caça das baleias jubarte.

No Castelo Garcia D'Ávila foi feito um tour histórico acompanhado de um guia da própria instituição (Figura 2B); posteriormente, no Tivoli EcoResort Praia do Forte-BA, houve o reconhecimento das ruínas da armação, onde as baleias eram “tratadas” (extração de gordura para obtenção do óleo) e do local de trabalho de uma das empresas parceiras para os embarques, a serem descritos posteriormente; e finalmente, no Projeto Tamar, com acompanhamento de um funcionário, para a realização de uma visita guiada, assim como a atividade de ‘Biólogo por um dia’, em que os animais mantidos por esta sede são condicionados para receber o toque de visitantes (Figura 2C).



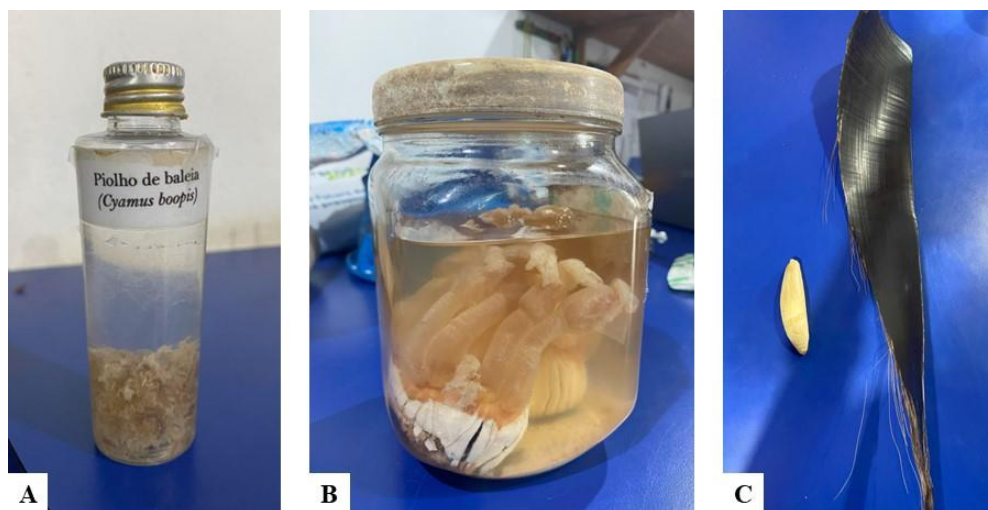
**Figura 2:** Atividades de capacitação: **A** – treinamento com José Truda Palazzo Jr.; **B** – tour guiado no Castelo Garcia D'Ávila; **C** – visita técnica no Projeto Tamar de Praia do Forte.

**Fonte:** IBJ e acervo pessoal.



Antes dos embarques junto às empresas parceiras, Base Náutica (BN) e Portomar (PM), foi realizada uma palestra com o objetivo de transmitir informações da anatomia e comportamentos da espécie, bem como a sua importância na conservação da biodiversidade e regras de segurança a serem seguidas para a execução do turismo de observação de baleias. Por esta atividade econômica atrair turistas de outros países, um dos pré-requisitos para o estágio era justamente falar o idioma inglês, especificamente, sendo de grande valia quando houvera também proficiência em outro idioma.

A palestra pré-embarque se assemelha à visita guiada feita no EBJ. A apresentação foi feita através do recurso PowerPoint, com duração aproximada de 15 minutos. Apesar de ser uma atividade breve, o conteúdo teve demonstração de materiais biológicos coletados em antigos encalhes (Figura 3) de cetáceos. A segunda semana de capacitação foi voltada para o treinamento dessas atividades nos dois idiomas, português e inglês.



**Figura 3:** Material biológico utilizado nas atividades de Educação Ambiental: **A** – amostra de piolho de baleia em álcool (*Cyamus boopis*); **B** – amostra de crustáceos artrópodes, popularmente conhecidos como cracas, conservadas em formol (*Coronula diadema*); **C** – dente de cachalote juvenil à esquerda (*Physeter macrocephalus*) e barbatana de baleia jubarte (*M. novaengliae*), respectivamente.

**Fonte:** Acervo pessoal.

A partir da terceira semana, a escala de atividades passou a ser definida separadamente para cada estagiária e as visitas guiadas no EBJ começaram a ser feitas para os visitantes. A visita consiste em passar as informações descritas acima enquanto é possível caminhar pelo espaço, tendo placas e réplicas para que o conhecimento adquirido seja interativo e de mais fácil compreensão do conteúdo. Esta é a principal atividade feita no EBJ, tanto por estagiárias quanto por jovens monitores.

A visita guiada oferecida aos turistas (Figura 4A) também é uma das modalidades oferecidas para as instituições de ensino da região, quer fossem públicas ou privadas, sendo as primeiras isentas de pagamento. A didática utilizada varia de acordo com a faixa etária e o nível de ensino, desde o infantil



(Figura 4B) ao ensino superior (Figura 4C). A segunda opção, chamada de visita monitorada, consiste em uma palestra com utilização do PowerPoint, adaptado com recursos midiáticos de acordo com o nível de ensino, e os materiais biológicos usados na palestra pré-embarque (Figura 4D). Em ambos os casos escolhidos, após a realização da atividade o professor(a) responsável pelo grupo responde uma pesquisa de satisfação sobre o atendimento, a logística, a infraestrutura do centro e o envolvimento da estagiária com o grupo.



**Figura 4:** Visitas guiada e monitorada no EBJ: **A** – visita guiada oferecida aos turistas; **B** – visita guiada para alunos do Ensino Fundamental; **C** – visita guiada para alunos do Ensino Superior; **D** – palestra para alunos do Ensino Fundamental.

**Fonte:** IBJ.

Em alguns fins de semana, em geral aos domingos, tivemos a atividade CineJubarte, com algumas exposições e adaptações cinematográficas com temáticas ambientais, como por exemplo os filmes “O Rei Leão” e “Happy Feet”. Na semana da criança foram feitas oficinas desenvolvidas pelas estagiárias e jovens monitores (Figura 5A e 5B). No entanto, algumas oficinas não puderam ser feitas nesta semana e foram aplicadas a outros grupos escolares. Essas dinâmicas demandavam grupos com um mínimo de crianças e com faixa etária semelhante, o que não foi possível prever e separar o material didático apropriado ao público espontâneo na semana da criança. Dessa forma, uma visita guiada reduzida foi feita com os estudantes para que pudessem responder as perguntas *quiz* sobre as baleias jubarte (Figura 5C).

Além destas atividades dois seminários foram feitos. O primeiro, realizado no dia 15 de julho de 2023, abordou a trajetória pessoal e profissional de cada estagiária, com o intuito de instigar o interesse pela vida acadêmica nos jovens monitores, já que todos (com idades entre 16 e 18 anos) se encontram em momento decisivo da futura escolha profissional. O segundo seminário, realizado



no dia 23 de setembro de 2023, desenvolvido entre uma estagiária e uma jovem monitora, teve como objetivo principal agregar conhecimento sobre as linhas de pesquisa realizadas pelo Instituto Baleia Jubarte, descritas anteriormente, em ambas as equipes (Figura 5D).



**Figura 5:** Oficinas aplicadas: **A** – anatomia da baleia jubarte; **B** – oficina de confeitaria; **C** – “tabuleiro vivo” da rota migratória da baleia jubarte brasileira; **D** – seminário sobre as linhas de pesquisa do projeto.

**Fonte:** IBJ.

Anualmente é realizada a Festa da Baleia na Praia do Forte. Em 2023 ocorreu a VI Edição da Festa da Baleia. A participação de toda a equipe na concretização do evento é de extrema importância e aprendizado, tanto para o conhecimento adquirido a partir dos palestrantes da área de estudos com cetáceos, quanto para o entendimento da dinâmica de um evento. Palestrantes internacionais estiveram no evento mostrando sua experiência com diversas espécies de cetáceos, como representantes da Argentina, México e Estados Unidos. Diversas atividades lúdicas e dinâmicas também são feitas com a comunidade local, principalmente o público infanto-juvenil. Nesta edição, além de shows como a Banda Voa e Michaela Harrison, ocorreram o IV Campeonato de Surf nas Ondas das Jubartes, o I Simpósio Internacional de Ecoturismo Marinho e o Cortejo da Baleia Elétrica na avenida central da vila, entre outras atrações (PROJETO BALEIA JUBARTE, 2023b).

### **Atividades embarcadas**

As empresas parceiras do Projeto Baleia Jubarte fazem com que os turistas que adquirem o pacote de turismo de observação de baleias assistam a palestra pré-embarque (Figura 6). A Portomar leva seus clientes para o EBJ e a Base Náutica fornece uma televisão em sua própria base, localizada dentro do Tivoli EcoResort.





**Figura 6:** Palestra pré-embarque: **A** - palestra pré-embarque em português e **B** - palestra pré-embarque em inglês.

**Fonte:** IBJ.

Ao finalizarmos a palestra, caminhamos até a praia para que fosse feito o embarque, em lancha (BN) ou escuna (PM), diariamente. O tempo de amostragem se iniciava quando começávamos a procurar por baleias através do borrifo característico, que é a respiração da baleia. Os dados de pesquisa coletados, registrados nas fichas, são: clima, rota realizada, horário e ponto de GPS (da amostragem inicial e final) com aproximação do grupo de baleias, horário da avistagem da baleia, comportamentos exibidos e identificação da nadadeira caudal – também chamada de FotoID (Figura 7A).

Para realizar esses procedimentos a bordo, foi fornecido o conhecimento técnico básico durante a capacitação teórica. Durante os embarques, as estagiárias têm autonomia com os equipamentos e realizam as tarefas sem auxílio imediato (Figura 7B e 7D). Na escuna, embarcação usada pela PM, além dos procedimentos de pesquisa descritos, também foram aplicados questionários de valoração do turismo de observação de baleias. Os questionários têm o objetivo de desenvolver projetos que colaborem com a atividade e a infraestrutura da Praia do Forte, bem como promover atividades do Turismo Ecológico.



**Figura 7:** Procedimentos e materiais utilizados nos embarques: **A** – registro dos dados coletados; **B** – aproximação do grupo de baleias; **C** – bioacústica; **D** – equipamentos para registros das fotos digitais.

**Fonte:** IBJ e acervo pessoal.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 3: 90-105, 2024.



Além das embarcações de turismo, também são feitas saídas de pesquisa com outros objetivos e maior tempo de amostragem. Algumas coletas de dados das baleias jubarte não podem ser realizadas nas embarcações de turismo, mas são realizadas nas saídas de pesquisa. Nelas, além dos dados das fichas comumente preenchidos também foram realizadas a biópsia e a bioacústica (Figura 7C).

A última atividade descrita no programa oferecido pelo estágio consiste na necrópsia de cetáceos que podem encalhar próximo à base. Durante a temporada de 2023 houve dois encalhes em que a equipe da Praia do Forte foi mobilizada, no entanto a preferência de realização desta atividade era das estagiárias de medicina veterinária.

## Discussão

A atividade de turismo de observação de baleias além de ter o objetivo econômico e de preservação da espécie, também estimula a conscientização de toda a população que está envolvida na atividade, como os turistas, a comunidade local e os estagiários do projeto (GUDERGUES et al., 2023). A vivência de palestras desenvolve o estagiário para divulgação científica para a comunidade não acadêmica, trazendo enriquecimento para sua formação.

A capacitação oferecida pelo projeto também mostra grande valia, porque aprofunda o tema que será abordado pelos estagiários por quatro meses, além de conter curiosidades e experiências que não são sempre encontradas em artigos científicos, mas são cativantes ao público. O incentivo de procurar mais informações para enriquecer as visitas guiadas e sanar dúvidas foi evidenciado através do seminário específico das linhas de pesquisa, além da própria capacitação (SILVA; GASPAR, 2018).

Segundo Marandino (2003) as exposições em museus são fundamentais porque divulgam o conhecimento científico e promovem a educação, o que mostra a viabilidade de utilização de réplicas pelo projeto em seu EBJ, um museu de ciências à céu aberto. A mesma autora também acredita que o trabalho dos educadores de museus inclui não apenas o desenvolvimento de exposições como o fornecimento do conhecimento, através da realização de estudos com o público, como a recreação com filmes e sessões educativas. A visita guiada alinha a exposição do EBJ com a divulgação científica de maneira dinâmica e participativa para o público, além de conter o formulário de avaliação para o público escolar.

Santos e Silva (2021) defendem que as visitas guiadas, sejam para qualquer público, tendo o papel de uma atividade diferenciada, ou seja, que fuja da rotina do público e que busque um ensino de qualidade. Uma vez que sempre terá um profissional capacitado para orientar o grupo visitante, motivando-os a formarem uma consciência mais crítica sobre o assunto tratado pela instituição.

O Projeto Baleia Jubarte incentiva em seu programa de estágio o desenvolvimento de oficinas, lúdicas e educativas, a partir de temáticas diversas relacionadas à baleia jubarte. Assim, possibilitamos a Educação Ambiental de



forma mais interativa e relevante ao público infanto-juvenil. As oficinas criam uma relação entre o sujeito e o objeto de estudo, replicam situações, ferramentas e conhecimentos estimulando o sujeito a participar ativamente do ambiente deste objeto de estudo (SANTOS; SILVA, 2021).

Os seminários realizados permitiram debates sobre temas diversos. O primeiro gerou questionamentos sobre as atividades profissionais mostradas para os jovens monitores, que proporcionou o despertar de novas possibilidades profissionais. Já o segundo foi enriquecedor para ambas as equipes por aprofundar o conhecimento sobre as linhas de pesquisa da instituição. Rodrigues (2015) mostra que os seminários são ferramentas de ensino e aprendizagem normalmente utilizadas no ensino superior e que sua origem histórica traz a produção do conhecimento através do debate e pesquisa, rompendo a barreira atual de ser apenas uma mera aula expositiva.

A participação das estagiárias na Festa da Baleia anual, e por consequência no simpósio, contribuíram para a formação acadêmica através da experiência adquirida com a organização de um evento acadêmico e cultural. O contato entre graduandos e profissionais da área, não é adquirido somente na universidade, e vai além da percepção das noções de empreendedorismo e logística de organização (SOUZA et al., 2008).

A experiência prática adquirida através dos embarques para as coletas de dados descritas demonstra o dinamismo do conhecimento teórico-metodológico adquirido na universidade e no treinamento concedido pelo Projeto Baleia Jubarte. As autoras Lavall e Barden (2014) defendem que ao fornecer a oportunidade de estágio, a unidade concedente reproduz o mercado de trabalho e treina o universitário para atuar até mesmo na própria unidade, podendo ser uma forma de contratação, além de receber treinamento adequado e ser economicamente viável. As autoras refutam que a complementaridade das práticas adquiridas no estágio é importante, pois consomem o conhecimento (ensino extracurricular). Cabe ressaltar a importância do recurso disponível (bolsa-auxílio fornecida pela unidade concedente) para os estagiários, que pode ser decisiva na continuidade da formação acadêmica. Seguindo as normas do Estágio Curricular Obrigatório, o Projeto Baleia Jubarte fornece unicamente o alojamento, mas não disponibiliza a bolsa-auxílio, evidenciado desde o lançamento dos seus editais de estágio.

## Considerações finais

As experiências vividas durante o estágio, contribuem para a formação de profissionais de Ciências Ambientais, mas também para outros cursos como Biologia, Medicina Veterinária, Oceanografia e áreas afins. O contato com as coletas de dados para diversas pesquisas e as atividades realizadas no Espaço Baleia Jubarte preparam o graduando para o mercado de trabalho. A experiência pessoal mostrou que houve grande avanço em conhecimentos na área de proteção à baleia jubarte. O conhecimento prático somatizou com as atividades teóricas em Educação Ambiental em projetos de conservação, promovendo grande relevância na formação profissional de uma das autoras deste artigo.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 3: 90-105, 2024.



A carência de estudos como relatos de experiência em projetos de conservação de cetáceos mostra a importância deste estudo. Com relação às atividades realizadas durante o estágio, alguns debates posteriores às atividades precisam ser feitos com o público, para que haja reflexões acerca das temáticas ambientais. Mesmo com todos os benefícios envolvidos, o projeto apenas fornece alojamento, o que diminui as chances de maior participação de graduandos, que necessitam de bolsa-auxílio para deslocamento e alimentação, forçando uma exclusão oculta, necessitando de uma reavaliação deste importante pré-requisito.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Projeto Baleia Jubarte pela oportunidade de estágio.

O Projeto Baleia Jubarte é patrocinado por Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras).

## Referências bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm)>. Acesso em: 09 de abr. de 2024.

CALDAS, C. R. B. **As ameaças às baleias jubarte e ações visando sua conservação**. Monografia (Licenciatura em Biologia) – Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília. Brasília, p. 39. 2003.

FARAH, M.; SALMAZO, J. R.; SEMPREBOM, T. R.; PEIRÓ, D. F. Baleia à vista: Baleias do Brasil. **Bióicos Biologia Marinha**. Revista Biologia Marinha de divulgação científica/Projeto Biologia Marinha Bióicos, Ubatuba, v. 2, nº 1, 2019.

FERNANDES, G. G. **Movimentos da baleia-jubarte (*Megaptera novaengliae*; Borowski, 1871) em um trecho da costa da Bahia no ano de 2016**. Artigo científico (Curso de Ciências Biológicas) – Universidade Católica do Salvador, p. 26, 2019.

FONSECA, F. S. R. **Educação Ambiental no zoológico de Goiânia: contribuições para a formação do sujeito ecológico?** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, 2010. 90 f.

GARCIA, V. A. R.; MERGULHÃO, M. C. Projeto - piloto de Educação Ambiental: avaliação do roteiro de visita orientada "Zoobservador", um aliado à prática de Educação Ambiental em zoológicos. **Revista Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, 9 v., n.16, 2001.

GUDERGUES, G. S.; FERREIRA, G. de S.; BRITO, P. O. B.; GONDIM, F. A. A importância do turismo sustentável como modo de Educação Ambiental: estudo de caso da temporada de baleias no Instituto Baleia Jubarte Praia do Forte (BA). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 18, nº 4, p. 396-415, 2023.



IBAMA. **Portaria Ibama nº 117**, 26 de dezembro de 1996. Disponível em: <[https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Portaria/1996/p\\_ibama\\_117\\_1996\\_protectaocetaceos\\_alterada\\_p\\_ibama\\_24\\_2002.pdf](https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Portaria/1996/p_ibama_117_1996_protectaocetaceos_alterada_p_ibama_24_2002.pdf)>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

LAVALL, J.; BARDEN, J. E. Estágio não obrigatório: contribuições para a formação acadêmica e profissional do estudante da UNIVATES. **Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL**, v. 7, nº 2, p. 47-68, maio, 2014.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XVII, n. 1, p. 23-40, jan./mar., 2014.

MARANDINO, M. Enfoques de educação e comunicação nas bioexposições de museus de ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 3, nº 1, jan./abr., 2003.

MATTAR, J.; RAMOS, D. K. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. 1 ed. – São Paulo: Edições 70, 2021.

MOREIRA, S. C. **Caracterização das subunidades das emissões sonoras de *Megaptera novaengliae* (Borowski, 1781) na costa do Brasil**. Dissertação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Biologia Animal, 2016.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, nº 48, p. 60-77, out./dez., 2021.

PROJETO BALEIA JUBARTE. **Salvas da Extinção**: A história do Projeto Baleia Jubarte. Bambu Editora e Artes Gráficas – São Paulo, 2021.

PROJETO BALEIA JUBARTE. **O Projeto Baleia Jubarte**. Disponível em: <<https://www.baleiajubarte.org.br/o-projeto>>. Acesso em: 28 de nov. de 2023a.

PROJETO BALEIA JUBARTE. **Programação completa da VI Festa da Baleia Jubarte 2023**. Disponível em: <<https://www.baleiajubarte.org.br/post/programacaocompletadafestadabaleiajubarte>>. Acesso em: 28 de nov. de 2023b.

REDE BIOMAR. **Planejamento Estratégico Integrado da Rede de Conservação da Biodiversidade Marinha 2021 a 2030**. Disponível em: [https://501578b0-2d10-4039-9a2b-e0c4d5c807b7.filesusr.com/ugd/2d15f2\\_83d3ba8edc4b438788b3a5896bdccb9c.pdf](https://501578b0-2d10-4039-9a2b-e0c4d5c807b7.filesusr.com/ugd/2d15f2_83d3ba8edc4b438788b3a5896bdccb9c.pdf). Acesso em: 28 de nov. de 2023.

RIBEIRO, G. M. S. R.; PREZOTO, H. H. S. A Educação Ambiental em espaços não-formais: relato de experiência no Centro Nacional de Conservação da Baleia Franca, Imbituba, SC. **Biológica – Caderno do Curso de Ciências Biológicas**, v. 3, n. 1, 2020.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 3: 90-105, 2024.



RODRIGUES, D. B. Ensinar com pesquisa no ensino superior: o uso do seminário como estratégia pedagógica. **Anais** do II Congresso Nacional de Educação, Campina Grande, 2015.

RODRIGUES, E. N. Primeiro estágio curricular: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 48, nº 4, p. 436-443, out./dez. 1995.

RODRIGUES, F.; SCHULZ, L.; TOMIO, D. Educação Ambiental em contextos de educação não formal: uma análise de práticas educativas desenvolvidas no Zoológico de Pomerode. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v.37, n.4, p. 282-302, set./dez. 2020.

SANTOS, K. A. S. A.; SILVA, R. C. Educação Ambiental em espaços não formais: relato de experiência no Parque das Aves (Foz do Iguaçu, PR, Brasil). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 16, nº 2, p. 153-162, 2021.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: CARVALHO, I.C.M.; SATO, M (org.). **Educação Ambiental- pesquisas e desafios**. 2005. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586522/mod\\_resource/content/1/sauve%20correntes%20EA.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586522/mod_resource/content/1/sauve%20correntes%20EA.pdf)>. Acesso em: 06 de abr. de 2024.

SILVA, H. I.; GASPAR, M. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 99, nº 251, p. 205-221, jan./abr. 2018.

SIMÕES, D. G.; MACEDO, R. H. F.; ENGEL, M. H. Turismo de observação de cetáceos como ferramenta no estudo do comportamento de baleias Jubarte (*Megaptera novaengliae*). **Revista de Etologia**, São Paulo, v. 7, nº 1, jun. 2005.

SOUZA, G. F. C.; SILVA, P. M. S.; SILVA, R. M.; RIBEIRO, H. C. B.; TINÔCO, M. S. Importância da produção de eventos científicos na formação acadêmica: a experiência da I SEMEIA. **Anais** da XI Semana de Mobilização Científica, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2008.